

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

ISSN: 2525-9571

Vol. 6 | N.º. 3 | Ano 2024

EIXO TEMÁTICO: PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

Rúbia Emmel

*Instituto Federal Farroupilha,
Campus Santa Rosa/RS*

*Universidade Federal Fronteira
Sul, Campus Cerro Largo/RS*

*rubia.emmel@iffarroupilha.edu.
br*

PRÁTICA PEDAGÓGICA NA TRILHA DE APRENDIZAGEM SOBRE O FEMINICÍDIO

*Pedagogical Practice on the learning track
about Femicide*

Jéssica Donini Pedroso

*Instituto Federal Farroupilha,
Campus Santa Rosa/RS*

jessicadoninii@gmail.com

Alexandre José Krul

*Instituto Federal Farroupilha,
Campus Santa Rosa/RS*

*alexandre.krul@iffarroupilha.edu.
u.br*

Resumo: Esta investigação parte de uma prática pedagógica focada em um estudo de uma temática social: feminicídio, realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino, na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa teve como objetivo: compreender as concepções e as reações dos alunos ao percorrer a trilha de aprendizagem sobre a temática social feminicídio. Deste modo, observou-se diversas expressões dos rostos dos alunos, que em sua maioria, denotam tristeza, medo, e indignação com a situação, de modo a demonstrar que de alguma forma a trilha o atingiu e o fez refletir. Como instrumento de coleta dos dados utilizou-se um questionário contendo dez perguntas fechadas de múltipla escolha, visando o conhecimento prévio dos alunos, e a estruturação do conhecimento. A trilha de aprendizagem teve como participantes alunos do 6º ao 8º ano, e foi construída e desenvolvida juntamente com os alunos do 9º ano. Foram realizadas análises das respostas do questionário, a partir de duas categorias: 1) Você conhece o feminicídio?; 2) Violência de Gênero. Assim, percebeu-se que é de necessidade urgente abordar a temática do feminicídio no contexto escolar. Portanto, foi possível analisar a partir de uma prática pedagógica as percepções dos alunos sobre o feminicídio, pois, os dados obtidos após os questionários e a trilha de aprendizagem auxiliaram na identificação do conhecimento destes na Educação Básica em uma escola central.

Palavras-chave: violência de gênero; prática pedagógica; temática social.

Abstract. *This investigation starts from a pedagogical practice focused on a study of a social theme: femicide, carried out in a public school in the state education network, in the Northwest Region of the State of Rio Grande do Sul. The research aimed to: understand the conceptions and students' reactions when following the learning trail on the social theme of femicide. In this way, we observed different expressions on the students' faces, most of which denote sadness, fear, and indignation with the situation, in order to demonstrate that in some way the trail reached them and made them reflect. As a data collection instrument, a questionnaire was used containing ten closed multiple-choice questions, aimed at students' prior knowledge and the structuring of knowledge. The learning trail had students from the 6th to the 8th grade as participants, and was built and developed together with the 9th grade students. Analyzes of the questionnaire responses were carried out, based on two categories: 1) Do you know about femicide?; 2) Gender Violence. Thus, it was realized that there is an urgent need to address the issue of femicide in the school context. Therefore, it was possible to analyze students' perceptions about femicide using a pedagogical practice, as the data obtained after the questionnaires and the learning trail helped to identify their knowledge in Basic Education in a central school.*

Keywords: *gender violence; pedagogical practice; social theme.*

1. Introdução

Este estudo refere-se a uma prática pedagógica desenvolvida a partir da temática Femicídio, realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino, na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Considera-se necessário de abordar esta temática no contexto escolar, pois existiu a ocorrência de um caso na família de um aluno, este identificado ao longo das aulas de Ciências, na qual o aluno demonstrava cansaço excessivo e sono, não desenvolvendo as atividades e discussões em sala de aula, assim, aos poucos foi conversado e identificado que o aluno não dormia a noite para proteger sua irmã mais nova, já que no ambiente familiar ocorriam agressões do padrasto na mãe. Além disso, acredita-se que o tema Femicídio não é desenvolvido ou é tratado superficialmente, pois ainda é um muitas vezes censurado pelo currículo, ou os/as professores/as o evitam por ser complexo e/ou polêmico. Sendo assim, compreendeu-se a necessidade de abordar esta temática com os alunos nas aulas de Ciências.

Partindo da temática Femicídio, adaptou-se a ideia de uma Trilha de Aprendizagem do Femicídio (TAF), essa com o intuito dos alunos percorrerem seu caminho a pé, perpassando por diversas informações e contextos de violência contra as mulheres. A prática pedagógica já existente é encontrada na internet em uma pesquisa rápida pelo Google imagens, sem nome e sem referência. A TAF adaptada, tendo como público-alvo alunos do 6º ao 8º ano, e desenvolvida pela professora de Ciências, juntamente com os alunos do 9º ano.

O intuito é esclarecer, no ambiente escolar, tabus e ideias relacionadas às ideologias machistas que normalizam a cultura de agressão às mulheres. E ainda, desmistificar o ditado popular de que em "briga de marido e mulher não se mete a colher", que pode ser relacionado ao conceito de patriarcado, que segundo Gomes (2020, p. 121) "está presente na sociedade e fundamenta-se na distinção social entre os sexos biológicos e manifesta-se na forma de inferiorização da mulher em relação ao homem. As relações de poder e manifestação do patriarcado que mais atinge as mulheres é a violência".

Sobre o conceito de patriarcado, parafraseando Almeida *et al* (2024), este se refere as práticas sociais, ao comportamento e à mentalidade predominantes ao longo da história que buscaram justificar ou naturalizar a violência contra a mulher acarretaram a inferiorização social dessa mulher. Essa subordinação ao gênero masculino foi então construída historicamente, mas acabou se impondo como uma verdade.

Cabe questionar quem são as mulheres vítimas de Femicídio no Brasil, os dados referem-se ao perfil epidemiológico de "mulheres vítimas de homicídio é predominantemente de jovens (18 a 30 anos), negras (aumento de 190,9% de homicídios em 10 anos), agredidas por familiar direto, mortas no próprio domicílio e com predomínio do uso da força na produção das lesões fatais" (Rios, Magalhães, Telles; 2019, p. 40).

Com o olhar docente, percebe-se que ocorre uma carência na abordagem do tema em sala de aula, do ponto de vista biológico, quando se é abordada a temática/o no conteúdo da sexualidade com os alunos, estes conceitos e dados são ignorados. As aulas de Ciências do Ensino Fundamental da rede pública, no que se refere ao ensino sobre a

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

sexualidade, detém-se em um currículo pré-organizado, abordando conceitos biológicos do corpo humano e o papel hormonal, conforme explicações nos livros didáticos. Percebe-se como um ensino problemático, com um fundamento ideológico de normalização, o fato deste conteúdo ser ensinado ano após ano, sem propor análises, reflexões e discussões sobre as evidências que demonstram que o feminicídio é real, em nosso contexto social local.

No que se refere ao ensino de Ciências, no contexto desta escola em que o estudo se realizou, a temática de sexualidade e gênero não era abordada nem questionada, compreendida como um *tabu* social. Quando essa temática foi abordada de forma aberta, desmistificando situações constrangedoras como é imposta pelos *tabus* sociais e familiares, os alunos participam ativamente das aulas e expuseram com facilidade suas dúvidas e situações, permitindo abordar o conteúdo de forma dinâmica e contextual vivência de muitos.

Tendo por parâmetro as percepções sobre diálogos formais e informais com os alunos da escola antes da TAF, percebe-se que as desinformações dos mesmos quanto a violência contra a mulher, geram desentendimentos. Sendo assim, compreende-se que o/a professor/a de Ciências não pode se deter apenas às percepções pautadas no currículo prescrito, pois como afirma Krasilchik (2000) muitas das temáticas vinculadas ao ensino de Ciências foram consideradas nos Parâmetros Curriculares Nacionais “temas transversais”, como, por exemplo: educação ambiental, saúde, educação sexual. E ao analisar o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), percebeu-se que os temas transversais não estão presentes, ou seja, a educação sexual, por exemplo, permanece restrita ao ensino de Ciências, identificada em habilidades do oitavo ano do Ensino Fundamental.

Faz-se necessário desmistificar tabus e questões errôneas sobre as causas que podem desencadear feminicídio, como violência de gênero, violência psicológica, agressões, alcoolismo e assédio. A TAF permite que os alunos dialoguem sobre alguns gatilhos que desencadeiam o feminicídio, como: se já presenciou uma mulher ser agredida, se consideram a afirmativa que a mulher pode usar a roupa que quiser ou o homem que deve a escolher, e se os alunos sentiram algum tipo de medo ao iniciar seu caminho pela TAF.

Com isso, a pesquisa teve como objetivo: compreender as concepções e as reações dos alunos ao percorrer a TAF. Considerando que durante o percurso dos alunos na TAF, observou-se diversas expressões em seus rostos, que em sua maioria, denotam tristeza, medo, e indignação com a situação, de modo a demonstrar que de alguma forma a TAF o atingiu e o fez refletir. Visando analisar seu contexto familiar, os dados obtidos após os questionários auxiliaram na identificação da realidade dos alunos da Educação Básica de uma escola. Com base em uma análise dos dados sobre o feminicídio na Região Noroeste do Estado do RS, foram realizadas ações de conscientização cidadã sobre o crime e a violência contra as mulheres, com os alunos envolvidos nesta pesquisa.

Os espaços escolares podem propor ações de sensibilização sobre os crimes contra

as mulheres, presentes em nossa sociedade, estes, já demarcados pela cultura patriarcal antes mesmo destas nascerem. O ambiente escolar proporciona um espaço de informação e verdade, em que os educadores são agentes de modificação da estrutura patriarcal. Segundo Bourdieu (2002), desempenham um papel fundamental instituições como as escolas, enquanto fonte de produção e reprodução de discursos que justificam as relações de dominação e violência em diferentes contextos sociais.

2. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa de caráter qualitativo, obteve coleta de dados e levantamento de campo, no qual buscou tratar as perspectivas dos participantes, essa, é organizada com vistas à produção e análise de dados descritivos e interpretativos no contexto de uma realidade social complexa e contextualizada (Lüdke; André, 1986).

A centralização é embasada no ponto de vista de alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Estadual de Ensino situada na Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Assim, a TAF teve a intenção de buscar nas percepções dos estudantes do 6º ao 9º ano o ponto de vista emocional e comportamental, para isso, se fez necessário a análise destes pontos antes e após perpassarem a TAF. Para analisar e identificar o que a TAF abordada no ambiente escolar desenvolveu nos alunos quanto aos aspectos da formação cidadã, estes responderam a um questionário, que buscou identificar as percepções frente a questões de todos os tipos de violências contra a mulher.

Para que a análise desses dados fosse possível, foram criados dois questionários impressos, divididos em dois momentos, o primeiro com base no conhecimento prévio dos alunos, aplicado antes de perpassarem pela TAF, buscando obter resultados do que os 56 alunos do 6º ao 9º ano sabem sobre o tema, baseado em perguntas fechadas de múltipla escolha, com escala de Likert de cinco pontos (1= nunca, 2= raramente, 3= não sei responder, 4= algumas vezes, 5= concordo plenamente). O segundo, também norteado com perguntas de múltipla escolha em escala de Likert sobre os mesmos critérios (Apêndice B), buscou a estruturação do conhecimento, com enfoque nas percepções dos 44 alunos de 6º ao 9º ano, após perpassarem a TAF. Cada um dos questionários foi respondido em diferentes datas; no dia em que responderam o segundo questionário, 12 alunos faltaram. A utilização dessa escala é de fácil visualização e compreensão, e segue escala original com a proposta de cinco pontos, variando de discordância total até a concordância total.

Para a análise dos dados, utilizou-se da Análise de Conteúdo por categoria temática de Lüdke e André (1986). A partir da qual as categorias foram definidas *a priori* buscando favorecer uma maior análise e permitir uma observação das temáticas da pesquisa a partir de um cenário reflexivo. Conforme Lüdke e André (1986), a construção de categorias não é tarefa fácil, em que esse conjunto inicial vai ser modificado ao longo do estudo. Em um processo dinâmico de confronto constante entre teoria e empiria, o que origina novas concepções e, conseqüentemente, novos focos de interesse.

A partir destas categorias os dados foram tabulados, explorando o contexto e a

frequência com que aparecem, o que por sua vez, facilitou a representação, a verificação das relações e as aproximações entre as respostas. A elaboração dos dados de pesquisa propiciou a constituição das análises nesta investigação.

3. Resultados e Discussão

Os participantes da pesquisa foram 56 alunos que responderam ao questionário um e posteriormente 44 alunos responderam ao questionário dois, e permitiram a utilização de seus dados para a pesquisa. Estes questionários foram dispostos em dois campos norteadores, esses, somados aos questionamentos realizados antes e após a TAF, construindo os dados que entrelaçam essas percepções ou não.

3.1. Categoria 1: Você conhece o feminicídio?

No que diz respeito a categoria 1, esta teve o enfoque de buscar como resultado os entendimentos dos alunos quando questionados previamente a prática pedagógica da TAF, ou seja, com base no questionário um.

Quadro 1 - Categoria 1: Você conhece o feminicídio?

Questões	1	2	3	4	5
1 Você já ouviu falar em feminicídio?	2	3	0	26	25
2 Com que frequência você vê notícias de violência contra mulher?	2	17	0	28	15
3 Você concorda que violência contra a mulher é apenas um ato físico?	47	1	7	1	0
4 Já ouviu falar da existência de uma lei que protege as mulheres?	2	5	0	4	45

Fonte: Autora (2024). Nota: As colunas do quadro seguem a escala de Likert de cinco pontos (1: nunca, 2: raramente, 3: não sei responder, 4: algumas vezes, 5: concordo plenamente).

Percebe-se que, o número de alunos que respondeu nunca (2) para a pergunta número um, é pequeno se comparado aos alunos que já haviam ouvido algo sobre o feminicídio (26) e ouvido com mais frequência (25). Os números ressaltam, e esclarecem, que o conteúdo da questão faz parte das informações contidas pelos alunos, ou seja, essa informação já foi adquirida em casa, na sociedade ou na escola.

Sobre a pergunta dois, esta refere-se à frequência que vê alguma notícia em relação à temática, é expressivo o número de alunos que raramente veem (17), porém se comparado aos que algumas vezes veem, o número se sobressai (28). Hoje, para ter acesso a esse tipo de temáticas, faz-se uma busca específica, na qual essas informações não constam na grade de programação de televisão aberta, mas já estão sendo abordadas e exploradas nas redes sociais e em seriados de canais fechados. Os adolescentes estão inseridos e dominam estes universos, sendo assim, entende-se que os ambientes escolares, podem pautar estes assuntos também em sala de aula.

Com relação à pergunta três, é altíssimo o número de alunos que discordam que a violência contra a mulher é somente o ato físico (47), isso denota uma melhor visualização da real face da violência. Os dados simbolizam que o aluno sabe reconhecer que a violência não se dá somente pela agressão física, o que serve de alerta para sua identificação quando este sabe caracterizá-lo, considerando que “[...] o entendimento

popular da violência apoiou-se num conceito, durante muito tempo, e ainda hoje, aceito como o verdadeiro e o único. Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima [...]” (Saffioti, 2004, p. 17), seja ela física, psíquica, moral ou patrimonial. No qual, Celmer (2010, p. 73) define que a: “[...] violência contra a mulher é qualquer ação ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano, sofrimento físico, sexual, psicológico à mulher, tanto no âmbito público como privado”.

A pergunta quatro, questiona quanto a existência de uma lei que protege as mulheres, e mais uma vez o resultado é satisfatório, no qual muitos alunos responderam que concordam (45) que já ouviram falar da lei. Podendo ocorrer nesse caso o conhecimento de uma ou de outra lei, no caso, Lei Maria da Penha e a Lei do feminicídio.

Duas semanas após este primeiro questionário, a turma do 9º ano esteve envolvida na organização da prática com a TAF, que foi desenvolvida no auditório da escola, que conta com cortinas blecaute para a claridade, quando os alunos do 6º ao 8º ano entram na TAF se deparavam com um ambiente escuro. Havia um pequeno aquecedor para quando os alunos adentrassem ao espaço se deparassem com um ambiente abafado e desconfortável. Áudios de relatos de mulheres que vivenciaram agressões tanto psíquicas quanto emocionais e físicas. O uso de fitas de isolamento amarelas e pretas foi utilizado como um alerta, delimitando cenas de crime, com simulação de desenhos em giz de contornos corporais ilustrando vítimas em cenas de crimes e garrafas de bebidas alcoólicas.

Guiados pela luz de uma lanterna, com supostas vítimas no chão cada aluno perpassa por um varal de camisetas brancas estendidas com escritas em cor vermelho sangue, com frases comuns de desculpas ditas pelas vítimas como, “foi a primeira vez; a culpa é minha; eu tropecei; ele estava bêbado; ele vai parar; ele vai parar; ele parou (quando o crime ocorreu)” traz marcas que se intensificam conforme as frases e o ato de violência aumentam, até chegar ao crime em si em que a camiseta é toda manchada de sangue. Ao passar pelo varal de camisetas, uma mesa disposta em local estratégico compõe o cenário de uma briga entre a vítima e o agressor, com foto amassada de um casal, porta retrato, taças e vidros quebrados, batom, flores secas e alianças jogadas.

Após esse momento de alerta, as cortinas se abrem, e os alunos do 9º ano encenam com atuações teatrais os diferentes tipos de violência, salientando que o ato em si da agressão não é apenas o físico, o que foge por muitas vezes do conhecimento de muitos. A ideia principal é fazer o espectador se sentir num ambiente hostil e perturbador, de forma que sinta a experiência na pele, como as vítimas supostamente sentiram. Ao final das dramatizações, os alunos do 9º ano questionam os demais alunos, quanto aos sentimentos despertados e qual a sua opinião sobre a agressão às mulheres, se consideram correto ou não, e qual seria a reação ao presenciar tal situação. Após a passagem pela TAF, os alunos responderam o segundo questionário que será abordado no próximo item.

3.2. Categoria 2: Violência de Gênero

No que diz respeito a categoria 2, esta teve o enfoque de buscar como resultado os

posicionamentos dos alunos quando questionados previamente e após a prática pedagógica da TAF.

Quadro 3 - Categoria 2: Violência de Gênero

Questões	1	2	3	4	5
1 Você sabe o que é violência de gênero?	15	2	12	9	18
2 O homem deve escolher a roupa que sua companheira deve vestir?	53	1	0	1	1
3 A cultura de agressão, é pelo fato do homem ser mais forte e melhor que a mulher?	24	1	11	2	5
4 “É errado a violência, por que a vítima não deixa o companheiro na primeira agressão Ela gosta!” Na sua percepção essa afirmativa é correta?	37	1	6	0	0

Fonte: Autora (2024). Nota: As colunas do quadro seguem a escala de Likert de cinco pontos (1: nunca, 2: raramente, 3: não sei responder, 4: algumas vezes, 5: concordo plenamente).

Com relação à pergunta um, esta foi realizada antes dos alunos perpassarem a TAF, quando questionados sobre o conhecimento de violência de gênero, ocorreram disparidades entre as respostas, que foram as seguintes: nunca (15); não sei responder (12); e, sim (18). Percebe-se que o quantitativo de alunos que não conhece o termo é elevado, o que sugere a reflexão sobre a “construção histórico e cultural de uma pedagogia e um currículo que silenciam as diferenças sexuais, de gênero e étnicas e que conduzem práticas e culturas escolares do preconceito, da discriminação, da segregação” (Filipak, Miranda, 2010, p. 2), no qual, cabe ao ambiente escolar também desconstruir dilemas que envolvem o machismo como: “aos homens, o dever de seres provedores, agressivos, fortes; às mulheres cabe o cuidado com o lar, com a reprodução e com a educação de filhos e filhas” (Silveira, 2010, p. 20).

Parafraseando Puga (2019) a violência de gênero é aquela praticada por homens contra mulheres que se utilizam de força física ou de ameaças, provoca sofrimentos psicológicos, intelectuais, físicos, sexuais e morais com o objetivo de coagir, humilhar, castigar, submeter, punir. Conforme Puga (2019) no Brasil, as mulheres têm sido ameaçadas, estupradas, espancadas e mortas por companheiros, namorados e maridos, e o que caracteriza a violência de gênero são dramas, em sua grande maioria, anônimos e alguns outros que se destacaram na mídia escrita ou televisionada pela fama de seus atores, sejam eles artistas ou pessoas de classes econômicas mais elevadas que saem nos jornais pela vida badalada que levam. Puga (2019) ressalta que podem ser ricos ou pobres, de uma forma ou de outra as agressividades constataam a subordinação feminina e o poder dos homens sobre as mulheres.

Ainda, referente aos alunos do 9º ano, estes responderam da seguinte maneira: um aluno: desconhece, um aluno: sabe pouco, dois alunos: não souberam responder, quatro alunos: de forma intermediária reconhecem o assunto, sete alunos: conhecem o assunto. Estas informações permitem evidenciar que há disparidade de informações, e que uma movimentação-ação ainda precisa ser realizada, com novos diálogos, visto que estes são os protagonistas do processo, “a educação também traz em seu bojo a proposta do descortinar, do revelar, do avançar, do esclarecer e participa do processo de mudança social. Como instrumento de mudança ela não se mantém estática. Ela é positivamente dinâmica” (Neves et al, 2010, p. 03-04).

A pergunta dois prevaleceu um total de 53 alunos que entendem e marcaram que

nunca o homem deve escolher a roupa que sua companheira deve vestir. Esta questão relaciona-se a violência de gênero considerando que a partir destes fatores algumas informações carecem ainda ser desmistificadas, como quando, “[...] o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa-de-força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu destino assim o determina” (Saffioti, 2004, p. 85).

Após perpassar a TAF, 24 alunos responderam à pergunta três com nunca, não concordando que a cultura de agressão é pelo fato do homem ser mais forte e melhor que a mulher, ainda não souberam responder (11). “A violência de gênero, especialmente em suas modalidades doméstica e familiar, ignora fronteiras de classes sociais, de grau, de industrialização, de renda per capita, de distintos tipos de cultura (ocidental x oriental) etc.” (Saffioti, 2004, p. 83), ainda, “violência de gênero, inclusive em suas modalidades familiar e doméstica, não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino” (Saffioti, 2004, p. 85), no qual, não está relacionado ao condicionamento físico ou a força que o homem expressa, e sim a questões como dependência financeira e emocional, “como a maior parte da violência de gênero tem lugar em relações afetivas – família extensa e unidade doméstica – acredita-se ser útil o conceito de codependência” (Saffioti, 2004, p. 88).

A pergunta quatro, ressalta uma interrogativa em que, “É errado a violência, por que a vítima não deixa o companheiro na primeira agressão? Ela gosta!” Na sua percepção essa afirmativa é correta?, outra vez, um número expressivo, 37 alunos, responderam não concordar com essa sentença. Considerando que, ao participarem da prática pedagógica da TAF, os alunos assistiram ao teatro que abordou os diferentes tipos de violência sofrida pela mulher, e os principais pontos que a fazem não se desvencilhar do agressor, como: não possuir família na cidade, perder o ciclo de amigos por conta da influência do parceiro, não possuir renda e nem bens, esgotamento emocional, ameaças, ser totalmente dependente do companheiro. Situações essas que forçam a mulher a se manter nesses lares e nessas situações, como uma falta de opção.

Ressalta-se deste modo as potencialidades da TAF, ao abordar o feminicídio desconstruindo a violência, que “trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (Saffioti, 2004, p. 18). Os resultados demonstram o quanto importante é abordar a temática no ambiente escolar, com cenas de teatro na qual buscou-se caracterizar diferentes tipos de violência, assim, denota-se nos resultados obtidos a coerência e a percepção dos participantes.

4. Considerações Finais

A partir deste estudo e das análises realizadas, ressalta-se a importância em abordar a temática do feminicídio no contexto escolar, baseado em realidades próximas nas famílias de alunos. Foi possível entender as lacunas e os *tabus* existentes quando esta temática é abordada no ambiente escolar, bem como na disciplina de Ciências, por isto ressalta-se a urgência em abordar tal temática no contexto educacional. Identificando a

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

partir de uma ação prática, analisou-se as respostas dos alunos sobre o feminicídio (pré e pós) esclarecendo informações frente ao tema. Os dados obtidos após os questionários auxiliaram no entendimento dos alunos da Educação Básica de uma escola.

A categoria 1, buscou focar o resultado das opiniões dos alunos quando questionados previamente a prática pedagógica da TAF. Constatou-se que o número de alunos que já haviam ouvido algo sobre o feminicídio foi expressivo, e que ainda, muitos ouvem com frequência sobre o tema, no qual, os números ressaltam e esclarecem que o assunto abordado hoje já é conhecido pelos adolescentes, ou seja, esse conhecimento já foi adquirido em casa, na sociedade ou na escola. Denotou-se que com frequência os alunos veem alguma notícia em relação à temática, mesmo que seja em alguns dados momentos. Sabendo que informações sobre essa temática não constam na grade de programação de televisão aberta, mas já estão sendo abordadas e exploradas nas redes sociais e em seriados de canais fechados, universos esses que os adolescentes estão inseridos e dominam. Enfatiza-se o grande número de alunos que discordam que a violência contra a mulher é somente o ato físico, concluindo assim, a clareza que os alunos possuem sobre reconhecer que a violência não se dá somente pela agressão física. Notoriamente, os alunos possuem conhecimento da existência de uma lei que protege as mulheres.

Também como resultado das concepções dos alunos quando questionados previamente e após a prática da TAF. Sobre o conhecimento da violência de gênero, a categoria dois demonstra disparidades entre as respostas, ressaltando que o número de alunos que não conhecem o termo é elevado. Salientando o ponto de vista dos alunos do 9º ano, nessa categoria, ocorreu que alguns alunos desconhecem o tema, ou pouco sabem sobre este, assim, os dados evidenciam uma disparidade de informações, em que diálogos ainda precisam ser construídos no ambiente escolar.

Em suma, salienta-se a importância do tema, emergente no contexto educacional e desenvolvido atrelado ao Ensino de Ciências. Onde no papel de educadores nos espaços escolares proporcionamos uma reflexão de sensibilização sobre os crimes contra as mulheres, presentes em nossa sociedade, estes, já demarcados pela cultura patriarcal antes mesmo destas nascerem, de modo a tornar essa prática pedagógica uma ação voltada a vida de cada aluno dentro e fora do ambiente escolar. Percebeu-se ao longo da construção deste estudo a escassez em pesquisas envolvendo a temática do feminicídio no âmbito escolar, denotando a escassez deste tema emergente. Deste modo, este tema não se esgota nesta investigação, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, dando continuidade, a fim de propor a abordagem desta temática no contexto educativo, considerando aspectos sociais e emocionais que podem ser desenvolvidos com os alunos, ou ainda em contexto de formação inicial e/ou continuidade de professores.

5. Referências

ALMEIDA, Dulcielly Nóbrega de. *et al* (orgs.). **Violência contra a mulher**. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2024.

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em 25 nov. 2023.

CELMER, Elisa Girotti. Violências contra a mulher baseada no gênero, ou a tentativa de nomear o inominável. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (Org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Editora Edipucrs. 2010. p. 73-88.

FILIPAK, Alexandra.; MIRANDA, Tereza Lopes. Política pública de formação de professoras/ es em Gênero, Diversidade Sexual e Relações Etnicorraciais: entre o poder da escola e a escola do poder. In: I SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS. 2010, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

GOMES, Kyres Silva. Violência contra a mulher e Covid-19: dupla pandemia. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 20, n. 224, p. 119-129, 2020.

KRASILCHIK, Myriam. Reformas e realidade: o caso do ensino de ciências. **Revista São Paulo em perspectiva**, São Paulo. v. 14, n. 1, jan-mar, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

NEVES, Eva Verônica Nunes. *et al.* Gênero e diversidade: derrubando barreiras socioculturais na formação de professoras/es. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9. 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2010.

PUGA, Vera Lúcia. Violência de Gênero/Intolerância. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (org.). **Dicionário crítico de gênero**. 2. ed. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 715-718.

RIOS, Angelita Maria Ferreira Machado; MAGALHÃES, Pedro Vieira da Silva; TELLES, Lisieux E. de Borba. Violência contra mulheres: feminicídio. **Revista Debates em psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 38-42, jun., 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. Gênero: Como e por que compreender? In: PARANÁ, **Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Versão preliminar. 2010.

VII JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro 4, 5 e 6 de dezembro de 2024

Local: Colégio Pedro II - Campus Tijuca II

Rúbia Emmel

Doutora em Educação nas Ciências, professora de Ensino Básico Técnico e Tecnológico, da área de Pedagogia no Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa/RS. Docente Permanente do Programa Pós-Graduação, Mestrado em Ensino de Ciências (PPGEC), Universidade Federal Fronteira Sul, Campus Cerro Largo/RS.

Jéssica Donini Pedroso

Acadêmica da Especialização no Ensino de Ciências da Natureza. Licenciada em Ciências Biológicas. Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa/RS.

Alexandre José Krul

Doutor em Educação nas Ciências, professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico, da área de Filosofia no Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa/RS.